

Título	Algo se passa através	Autor	Marisa Flório Cesar
Data	2009	Artista	Lucia Laguna
Publicação	CESAR, Marisa Flório. <i>Janela</i> . São Paulo: Galeria Virgílio, 2009. (texto de exposição)		

## Algo se passa através

“O pintor pinta o que vê”, dizia Alberti. Mas na película transparente que tanto separa quanto transborda exterior e interior — a vista da cidade com seus fragmentos, camadas, fluxos; o olhar sobre a estranha familiaridade do ateliê e a melancolia das horas rotineiras — algo se passa. Algo se passa através.

“Janela” intitula a exposição de Lúcia Laguna. Metáfora pictórica cara a Alberti, a janela era abertura e transcendência na concretude cega das coisas e dos dias: —Onde devo pintar, traço um quadrângulo de ângulos retos (...) como uma janela aberta por onde possa eu mirar o que aí será pintado. (*Da pintura*, Livro II, §19). Em sua dupla dimensão — transitiva e reflexiva — a janela implicava um apagamento de si para dar existência a outro, transitar o que estaria além: algo ausente se apresenta através.

É a potência desse “através”, em que transpassam e se tensionam os fluxos do visível, que Lúcia Laguna instaura sua pintura. Não como transparência, mas como passagem, como dúbio processo em que o mesmo gesto que se apropria, devolve; que oculta, desvela; que recorda, esquece. Um gesto que hesita entre o limiar da obra e seu apagamento. Toda imagem é imagem de uma alteridade e resta ao artista permitir o atravessamento desses outros e endereçar a um terceiro o que sobreveio desse movimento. Resta resgatar a potência do olhar — e da própria pintura — como explorar as estratégias do véu, os recobrimentos que resguardam invisibilidades e a liberdade de sentidos jamais fixos.

“Lucia Laguna é uma das grandes revelações da pintura do Brasil neste início de século”, como atestam várias vozes, entre as quais Paulo Herkenhoff. E basta um primeiro contato para pressentirmos que estamos diante de uma pintura que se renova e enfrenta tanto a visualidade de sua época como a força e o peso de uma tradição histórica. Ali somos capazes de ver (no sentido mais denso e menos espetacular que o verbo ainda é capaz de significar) a complexidade convulsa e estilhaçada da metrópole como *El descendimiento de la cruz* de Rogier Van der Weyden, as linhas vermelhas e amarelas das autovias cariocas como as linhas de força que estruturam um quadro de Paolo Ucello.

A artista construiu uma espécie de sistema, uma economia dos meios pictóricos nestes poucos anos em que iniciou seu percurso artístico: apropria-se de uma imagem que desfila cotidianamente frente a nossos olhos — a vista da janela para a cidade ou para o estúdio, o anúncio de um jornal, ou uma fotografia qualquer —, cobre áreas com camadas de cor e fitas crepe, retira-as e recobre-as com outras camadas, esquece-as por um tempo, retorna, em um processo contínuo de velamentos e redescobertas, de fagocitose e reinvenções. Nos últimos anos, sequer é a artista que pinta a base sobre a qual iniciará sua experiência, ela entrega a seu assistente a tarefa de reproduzir pictoricamente a imagem sobre a qual trabalhará. A esse processo de devorar imagens, Paulo Herkenhoff intitulou muito lucidamente de “iconofagia”: Lucia Laguna não devolve a pintura a seu “grau zero” — ao deserto de si mesma com pretendeu Malevich — “o quadro recebido é, ele próprio, o grau zero da pintura” (*Prêmio Marcantonio Vilaça* 1006/2008). As imagens que afloram, completariam, não constituem uma semelhança especular ou pretendem um fundamento originário, são, como disse Aby Warburg sobre a consistência das imagens, um retornar que é sempre um se tornar, um devir, um aparecer.

Nesse entrecruzamento de acasos e ascendências, de assimilações e obliterações, o esquecimento em Lucia Laguna passa a ter uma atuação chave em seu trabalho — como se não fosse possível a atualização de si, da pintura, da arte, sem um contra-tempo, sem uma “inaturalidade”, sem aquilo que Nietzsche definiria como um “esquecimento ativo” (*Genealogia da moral*). De fato, o esquecimento, presente em algumas filosofias modernas, abriria um abismo e um caminho no interior do conceito comum de memória. Se Proust, empreende uma “busca do tempo perdido”, o faz através de um processo sistemático de esquecimento do que ocorreu; Nietzsche, o poeta-filósofo trágico da dissolução do eu, celebra o esquecimento como atributo indispensável da ação; Sartre parte do esquecimento radical, do Nada para uma aproximação existencial do eu e do mundo. Nas pinturas de Lucia Laguna, os traços do apagamento formam uma espécie de rota negativa que delinea suas janelas: o apagamento de si para dar existência a outro, transitar o que estaria além. O outro da história da arte, do artista assistente com quem partilha seus dias, das

<b>Título</b>	Algo se passa através	<b>Autor</b>	Marisa Flório Cesar
<b>Data</b>	2009	<b>Artista</b>	Lucia Laguna
<b>Publicação</b>	CESAR, Marisa Flório. <i>Janela</i> . São Paulo: Galeria Virgílio, 2009. (texto de exposição)		

---

imagens apropriadas aqui e ali, do espectador a quem se endereça, o outro de si, o outro da pintura e da arte. Essas são suas genealogias, suas sombras, seus espectros. A nós, cabe continuar os desvelamentos.